

## **A Experiência Discente em Práticas Extensionistas**

Área Temática de Educação

### Resumo

Relato, na perspectiva discente, das experiências extensionistas a partir das práticas vivenciadas no Programa Carro-Biblioteca/Frente de Leitura da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Define-se a extensão e as suas funções. Explicita-se a experiência em montagem e organização de uma biblioteca comunitária, bem com o aprendizado e as reflexões advindas dessa experiência. Destaca-se a importância das práticas de extensão para a formação do aluno tanto no aspecto profissional quanto no aspecto político-social.

### Autora

Cláudia Doriana Silveira, Aluna de Biblioteconomia

### Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Palavras-chave: extensão; participação discente; bibliotecas comunitárias.

### Introdução e objetivo

Grande parte dos trabalhos de extensão que são publicados trazem relatos de experiências de docentes ou a contribuição que esses trabalhos trazem para a sociedade ou para o processo de aprendizado do aluno. Para este último caso o relato dificilmente é descrito pelo aluno, mas sim por seus professores. Este relato aqui apresentado vai em uma direção contrária do que temos visto nestes trabalhos. Trata-se do relato da experiência de uma aluna em um projeto de extensão da UFMG. Neste relato será destacado o quanto essa experiência contribuiu em sua formação profissional não apenas em termos de aprendizado, mas também em relação das expectativas e dificuldades encontradas.

Muito se tem discutido sobre extensão, principalmente sobre o seu conceito e função. Mas independentemente do que seja estudado e discutido, a extensão sempre será analisada da perspectiva do relacionamento entre universidade e sociedade. SILVA (2002) em uma pesquisa realizada na UFMT, cujos resultados foram divulgados em 2002, nos mostra quais são as concepções em que a extensão é entendida, sempre examinando a extensão do ponto de vista de sua relação entre ensino e pesquisa. Não aprofundaremos aqui essas concepções, mas delinearemos quais são elas para um melhor entendimento sobre extensão. A autora pesquisou a definição de extensão por meio de três concepções descritas por ela como a funcionalista ou tradicional, a processual e a concepção crítica. Ela define a concepção funcionalista como a que vê a extensão com uma função específica e autônoma, desarticulada com a pesquisa e o ensino. Neste caso a Universidade é vista como um complemento do Estado, desempenhando um papel de “mera executora das políticas educacionais”. Na concepção processual a autora nos diz que é uma reação à concepção funcionalista e define a extensão como uma “articuladora entre a universidade e as necessidades sociais, passando, então a ter uma tarefa: a de promover o compromisso social dessa instituição”, mas é uma concepção que propõe a articulação da extensão com o ensino e a pesquisa. De acordo com SILVA (2002) é a concepção que predomina hoje nas universidades brasileiras, sendo institucionalizada como coordenação, pró-reitoria etc. A última concepção levantada por SILVA é a crítica definida

por ela como uma nova leitura de extensão, onde esta está “intrinsecamente ligada ao ensino e a pesquisa, é sua essência, sua característica básica, apenas efetivando-se por meio dessas funções”. Nessa concepção a extensão é entendida como matéria de currículo e, por isso, não há justificativa para a sua institucionalização.

Além dessas concepções, a extensão é vista como prestadora de serviços e/ou como função puramente assistencialista. Nesses casos não há ligação com o ensino e a pesquisa. A extensão será tratada neste trabalho mais sobre a perspectiva processual. A definição adotada será a proposta pelo I ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS que, em 1987, definiu a extensão universitária como o: “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (NOGUEIRA, 2000, p.11).

Grande parte dos alunos que se iniciam nas atividades de extensão não tem a devida noção da dimensão que a envolve e a vêem com uma forma de praticar aquilo que aprendeu em sala de aula e/ou realizar apenas uma atividade social, mais de cunho assistencialista. Só depois que adquirem uma certa experiência é que começam a ter um real entendimento e conhecimento dos problemas que envolvem a prática da extensão. Problemas estes que surgem para o aluno quando ele toma conhecimento de suas limitações, das limitações de sua instituição e dos problemas e expectativas que a sociedade tem em torno das atividades de extensão. Esses problemas e limitações permitem não somente ao aluno, mas também a professores e demais pessoas envolvidas com a prática de extensão, a reflexão sobre o fazer dessa atividade e isso contribui para a geração de novos conhecimentos. É aquilo que a academia chama de práxis. Daí porque a extensão deve estar inter-relacionada com o ensino e a pesquisa, pois através da observação dos fenômenos sociais há a reflexão que deve resultar em pesquisa para a geração de novos conhecimentos. LUCKESI et al (apud CASTRO & BOTTENTUIT, 2003) argumenta que a comunidade universitária “precisa comprometer-se com a reflexão, criando-a, provocando-a, permitindo-a e lutando continuamente para conquistar espaços de liberdade que assegurem a reflexão”. Também afirma que a realidade deve ser “percebida, questionada, avaliada, estudada e entendida em todos os ângulos e relações, com rigor para que possa ser continuamente transformada”.

O relato que será esboçado aqui trata-se mais de uma reflexão, que decorre da experiência em atividades de extensão, que ainda pode não ter consolidado em novos conhecimentos, pois reflete uma ótica discente, mas que trouxe várias inquietações e compreensões do que um profissional pode ou não pode fazer e assim ter noção que a busca pelo aprendizado é contínua e eterna.

## Metodologia

Um dos projetos mais antigos e permanentes da UFMG é o Programa Carro-Biblioteca/Frente de Leitura, projeto que em 2003 completou trinta anos. Como proposta, objetiva o “estímulo à leitura, e atuação como agente integrador entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitando o treinamento de professores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação, proporcionando-lhes contato com a realidade social e a prática dos ensinamentos teóricos, servindo como fonte de pesquisa” (REZENDE, 1995, p. 276). Dentre os serviços disponibilizados pelo Carro-Biblioteca têm-se o atendimento à leitores com o auxílio em pesquisa, sugestão de leituras, empréstimo de livros, devolução de livros, atividades culturais como contação de estórias, cursos etc.

A principal característica do Programa Carro-Biblioteca/Frente de Leitura é introduzir, nas comunidades que atende, a necessidade de serviços bibliotecários, e com isso incentivar e motivar nos usuários dessas comunidades a montagem de suas próprias bibliotecas comunitárias. Para facilitar esse processo, o Carro-Biblioteca procura ao entrar em

determinada comunidade, contactar os seus líderes locais, pois assim é mais fácil de estimular os moradores da comunidade. Ao conseguir esse apoio o Carro-Biblioteca auxilia na montagem e organização da Biblioteca, prestando uma orientação e assessoria. Visando dar uma noção do processo de montagem de uma biblioteca de uma das comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca, descreve-se a seguir a referida experiência.

Trata-se de uma comunidade da periferia de Belo Horizonte que o Carro-Biblioteca atende há mais de quinze anos. Nesta comunidade os principais usuários Carro-Biblioteca são crianças. É uma comunidade composta por uma população de baixa renda, com muitas adolescentes mães. Em razão desses fatos e outros é uma comunidade que precisa de muita assistência e apoio, principalmente em relação à saúde, à educação e à assistência jurídica. A biblioteca é uma das instituições que desempenha um papel importante, principalmente em relação à educação, pois disponibiliza o acesso à informação e ao conhecimento, elementos importantes e imprescindíveis para o desenvolvimento do homem. Essa é uma das razões do Carro-Biblioteca ter permanecido muito tempo nesta comunidade, pois o Programa não tem como objetivo permanecer por muitos anos em uma comunidade. Mas para iniciar o processo de saída desta comunidade era preciso que o Programa deixasse um outro serviço que atendesse as necessidades informacionais de seus usuários e nesse caso deveria ser uma biblioteca.

Nessa comunidade o processo foi facilitado pois ela já possuía uma associação comunitária e um lugar apropriado para a montagem da biblioteca, inclusive com uma biblioteca já montada, mas que não estava organizada e sem funcionar adequadamente. A montagem/organização dessa biblioteca ainda não foi finalizada, por uma série de problemas que iremos relatar aqui. Problemas estes que têm relação com as limitações de recursos, tanto da universidade como também da associação.

Para o início do processo a primeira tarefa realizada foi o contato com os líderes dessa associação comunitária. Realizado o contato iniciamos a tarefa de tomar conhecimento do acervo que, para nossa surpresa, era de qualidade muito boa. Conhecido o acervo iniciamos o processo de avaliação do acervo, selecionando o que ficaria e descartando o que não seria útil. O número de títulos do acervo era muito grande e para realizar a seleção tivemos graves dificuldades, principalmente para a seleção de obras de referências (enciclopédias, dicionários etc.) e de livros didáticos, pois além de serem em grande quantidade, a desatualização desses materiais também era muito grande e tivemos que selecionar não apenas as obras mais atuais como também aquelas que, por mais desatualizadas que pudessem estar, são de grande valor científico. A adoção de critérios para a avaliação dessas obras é difícil de ser objetiva, por mais que tenhamos conhecimentos teóricos sobre a seleção de materiais. Ao realizarmos a avaliação de um acervo é preciso que tenhamos como critério principal o público a que vai servir. No caso é um público formado principalmente por pessoas no nível fundamental de escolaridade, dificilmente ultrapassando o nível médio de ensino, o que representa restrição na própria constituição do acervo.

Realizada a seleção do acervo iniciamos a organização e encontramos outra dificuldade. Por mais que tenhamos selecionado, a biblioteca não possuía capacidade de abrigar todo acervo, tanto por falta de espaço quanto por falta de equipamentos para acomodar o acervo. A solução para esse problema tem sido buscada pela equipe do Carro-Biblioteca com entendimentos com membros da associação para tentar aumentar o espaço da biblioteca como também arrumar mais equipamentos.

A transferência dos usuários do Carro-Biblioteca para a nova biblioteca já foi iniciada e as principais barreiras que temos encontrado se situa na própria biblioteca em implantação, pois todo usuário tem um patamar de experiência em relação ao serviço e para mudar de atitude é um pouco difícil. Em princípio há uma certa rejeição, principalmente porque há

diferença no nível dos serviços oferecidos. Assim, um dos desafios em todo esse processo está nessa tarefa – a tarefa de cativar o leitor para a nova biblioteca.

### Resultados e discussão

O processo de montagem da biblioteca como já foi explicitado ainda não foi finalizado e a discussão que propomos aqui não tratará diretamente sobre a execução da atividade em si mesma. Trataremos aqui da importância da participação de alunos em projetos de extensão, principalmente alunos do curso de Biblioteconomia. Participar de projetos de extensão é encarar a profissão sobre a perspectiva que CYSNE (1993, p.15) chama de dimensão social e educativa da Biblioteconomia. Para ela a biblioteca e os serviços de informação tem uma função social e educativa e deve-se repensar as funções que estas instituições devem desempenhar, bem como o papel que deve ser assumido pelo bibliotecário numa relação direta com o contexto social que a sua profissão está afeta.

Vivemos em uma sociedade que é tida como a sociedade da informação ou do conhecimento onde quem detêm a apropriação dos bens culturais tem mais oportunidades para sobreviver de forma mais digna. A apropriação de conhecimento está diretamente relacionada à apropriação de bens econômicos, como também a geração de conhecimento está relacionada à geração de bens. É por isso que a função que o bibliotecário tem que está diretamente relacionada à transformação da realidade, pois o que ele disponibiliza é o acesso à informação e ao conhecimento, ou seja, o que o bibliotecário faz é facilitar e tornar disponível às pessoas o acesso à alguns dos bens culturais.

A partir da prática das atividades nesta biblioteca surgiram várias indagações e inquietações. A primeira das indagações é o fato de que no nosso curso é mais enfatizado o aspecto técnico e tão pouco abordado o aspecto social da profissão. A própria literatura da área enfatiza mais parte técnica e como nos diz CYSNE (1993), “é sempre numa ótica limitada ao processamento técnico de organização, recuperação, disseminação e, mais recentemente, de gerenciamento de recursos informacionais e uso de tecnologia a serviço da informação, que a literatura é mais produtiva”. Há explicações de que o aspecto social é a mesma coisa que assistencialismo. Será? Discordo. Uma das coisas que consegui diagnosticar nesse trabalho (tanto na biblioteca como no próprio Carro-Biblioteca e em outros lugares) é que o acesso ao conhecimento não é apenas problema das pessoas menos favorecidas ou menos alfabetizadas, mas também das pessoas alfabetizadas. As pessoas têm dificuldade ou desconhecimento do que é uma biblioteca, ou centro de informação ou mesmo o que um pequeno livro pode oferecer a ela. A questão passa pelo problema de despertar nas pessoas o interesse e a curiosidade de estar aproveitando todas ou pelo menos um pouco das potencialidades que uma biblioteca ou um livro pode oferecer a elas. Dentro das salas de aulas o que mais aprendemos é como tornar disponível o conhecimento para as pessoas, usando para isso, de preferência todas as técnicas aprendidas para a seleção, organização e recuperação da informação. Basta disponibilizar e todos vão acessar. A experiência que adquiri mostra que não é bem assim. É preciso antes de tudo isso, despertar o interesse para a busca de conhecimento e isso é a parte mais difícil. Talvez o maior desafio seja este – o de cativar o leitor - despertar nele as potencialidades que ele tem, as possibilidades que a biblioteca disponibiliza e as oportunidades que a simples leitura de um livro pode lhe dar. REZENDE (1995, p. 287) nos diz que é de conhecimento de todos que a “formação pelo gosto da leitura é um processo longo, que depende de oportunidades de acesso aos livros, e sua livre escolha, novas opções de leitura e maturidade de leitura”, e quanto ao bibliotecário, “é importante que ele se preocupe em estimular o leitor na busca de novos conhecimentos, ajudando-o a enfrentar os desafios enquanto cidadão”.

Essa é a dimensão social e educativa da profissão, não basta disponibilizar é preciso também motivar a exploração de todas essas possibilidades, oportunidades e potencialidades.

Como CYSNE (1993, p. 17) propõe, o trabalho bibliotecário deve constituir-se também em uma prática social que busque a transformação social e, para alcançar esse objetivo, é preciso identificar o significado social e educativo que permeia a prática bibliotecária. A prática da extensão é um bom começo, pois permite que entremos em contato com realidades sociais completamente dependentes de nossas funções, e ao tomar conhecimento disso, temos a noção que aquilo que aprendemos em sala de aula não basta para resolver todos os problemas, o que nos leva a perceber a necessidade para a busca de novos conhecimentos e encontrar novas soluções para a resolução dos problemas.

Para CALDAS & BARBOZA (1995) a extensão universitária tem dois objetivos básicos: a) formar o aluno comprometido com a realidade do país e com a diminuição das diferenças sociais e “para tanto no aluno deve ‘se deparar e enfrentar a realidade e trabalhar com essa realidade... tenha capacidade crítica de intervir nos problemas sociais reais da sociedade’”; e b) a formação da cidadania - “a universidade deve instrumentalizar a população, fornecendo elementos para cada indivíduo perceba e entenda os seus direitos e deveres”. Eles também defendem que a extensão permite ao aluno um enfoque social que nem sempre é visto em seu curso e é uma base teórica importante para que o bibliotecário tome conhecimento da dimensão política de sua profissão e de sua função na sociedade. De acordo com esses mesmos autores a prática de extensão é também um meio de divulgação de sua profissão e contribui para a credibilidade da sua profissão junto à sociedade. Um fato importante a destacar refere-se ao desconhecimento da profissão que é enorme e também mostra que o profissional ao se engajar em causas sociais estará exercendo o que é chamado de “Responsabilidade Social”, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

## Conclusões

Na realidade é em todo esse processo que o aluno toma conhecimento dos desafios que na profissão tem que enfrentar. Mas é também por meio dessas atividades que pode praticar aquilo que aprendeu e buscar aquilo que ainda não aprendeu. A experiência adquirida nas atividades de extensão permite ao aluno entrar em contato com contextos sociais que não está habituado e que nem imaginava experimentar e isso traz uma grande contribuição ao seu processo de aprendizado, contribuindo também para aquilo que toda pessoa deve ter - a consciência social - o comprometimento que todo profissional deve ter com a sociedade contribuindo para formar uma sociedade justa e igualitária. A extensão permite ao aluno comprometer-se com a sociedade e tornar-se assim o que PAULO FREIRE (1986, p.16) chamou de “compromisso do profissional com a sociedade”, pois permite ao aluno refletir e agir, condições fundamentais para que o profissional se comprometa com a sua realidade.

O bibliotecário possui um papel muito importante na sociedade onde vive, pois ele lida com o mais valioso de todos os bens, o que gera todos os bens, ou seja, o conhecimento. O bibliotecário trabalha com informação, um bem social que contribui e provoca transformações na sociedade. A noção sobre a dimensão social e educativa de sua profissão é imprescindível. Dimensão esta contida “na relação entre produção do conhecimento, necessidade de informação das várias camadas sociais, acesso ao saber produzido e sistematizado, poder e dominação” (CYSNE,1993, p.21). A prática de atividades sociais permitiram tomar consciência dessa dimensão e tomar consciência de ser um profissional comprometido, um profissional que deverá sempre buscar mais capacitação na tentativa de encontrar soluções que venham servir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As indagações e inquietações provenientes do trabalho ainda não foram resolvidas, talvez nunca sejam. Mas estão servindo para a conscientização de que a busca para as soluções é árdua, uma busca incessante pelo conhecimento. Como nos diz PAULO FREIRE (1986, p.19), “o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a

realidade, de cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados', ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro". A extensão nos possibilita isso.

#### Referências bibliográficas

CALDAS, Maria Aparecida Eteves & BARBOZA, Josefa Pereira. O papel da extensão na formação do estudante de biblioteconomia. Revista Informação & Sociedade: estudos, Paraíba, v. 5, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://www.informaçãoesociedade.ufpb/519504.html>>. Acesso em: 04 junho 2004.

CASTRO, César Augusto & BOTTENTUIT, Aldinar Martins. Práticas extensionista e ação bibliotecária. Revista Informação & Sociedade: estudos, Paraíba, v.13, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.informaçãoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em: 04 junho 2004.

CYSNE, Fátima Portela. Biblioteconomia: dimensão social e educativa. Forlataza: UFC, 1993.145p.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, 2000. 196p.

REZENDE, Marlene Edite Pereira. A prática de trabalho no carro-biblioteca: alguns relatos de experiência. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.276-288, jul./dez. 1995.

SILVA, Maria das Graças. Universidade e Sociedade: cenário da extensão universitária? Disponível em: <<http://www2.uerj/~anped11/23/1101t.htm>>. Acesso em 11 junho 2004.